

INTRODUÇÃO

TEORIA E ATIVISMO EM

AUDRE LORDE: quando a militância vai além da fala

Izabel Accioly¹
Tamires Cristina dos Santos²

O convite para compormos a escrita da introdução deste Dossiê intitulado “Conversas com Audre Lorde” nos chegou através de Ana Cecília Campos e Adla Viana Lima, duas estimadas companheiras na luta que fizeram parte da idealização desta edição e que conhecemos dentro do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. Ao entenderem a importância de compartilharmos o conhecimento de autoria negra, elas realizaram essa ponte, e cá estamos. Agradecemos imensamente a proposta e gostaríamos de registrar que compartilhamos das mesmas intenções.

Antes de adentrarmos esse caminho, é preciso pontuar que a introdução deste Dossiê se escreve em meio à infecção pandêmica provocada pelo novo coronavírus (SARS-COV-2), agente causador da doença COVID-19, que tem acometido milhares de pessoas pelo mundo afora. Não cabe aqui promovermos um debate sobre a doença em si, tampouco sobre a ação ou inação por parte de nossos governantes para combatê-la. No entanto, é preciso situar o leitor e dizer que este vírus tem feito inúmeras vítimas, e que, no caso brasileiro, elas têm cor e lugar social bem demarcados. São filhos, pais, avós, primos e primas, netos e bisnetos que estão vivenciando de perto a experiência da perda, da dor e do luto sem que haja a chance ou a garantia de enterrarem seus mortos com dignidade. Nesse contexto atravessado pela negação de nossa humanidade, resistimos à medida que pensamos em outros mundos possíveis.

Adiante! Avancemos nessa proposta de pensar se um mundo diferente é possível. Um mundo que contemple a diversidade de existências e que a cor da pele preta não possa ser mais um marcador social da desigualdade racial que a tempos enfrentamos no Brasil. Estamos diante de um modelo de vida universalizante que privilegia a existência de uns em

¹ Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos, mariaizabelaccioly@gmail.com

² Doutoranda e mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. tamirescaleftat@gmail.com

detrimento da não-existência de outros. Dito isso, propomos uma provocação: quais poderiam ser nossas novas *inspirações* de leitura, ativismo e militância para compartilharmos de um mundo diferente, ou uma nova forma de pensarmos dentro deste que habitamos? Esta é a pergunta que precisa ser enfrentada para (re)criarmos o mundo e as possibilidades de futuro nele. E se nós te dissermos que uma dessas inspirações pode estar muito próxima, e que vem de uma mulher “Negra, Lésbica, Feminista, Guerreira, Mãe e Poeta”? Estas palavras eram frequentemente utilizadas pela ativista e militante Audre Lorde quando enxergava a necessidade de autoafirmar-se em meio à cultura hegemônica branca dominante que destituiu de humanidade todos(as) aqueles que descendem do continente africano. Compreender a trajetória de Audre Lorde é fundamental para que possamos entender sua composição teórica e ativista.

Audrey Geraldine Lorde ainda criança abriu mão da letra “y” do seu primeiro nome por acreditar que assim ele ficaria mais simétrico, como ela mesma conta em sua “biomitrografia” *Zami*, “uma nova grafia de meu nome”, livro publicado em 1982 que traz à tona suas memórias de infância. Nascida no ano de 1934, em Nova York, Estados Unidos, de uma família de imigrantes caribenhos, Audre Lorde cresceu no bairro do Harlem onde começou a escrever seus primeiros poemas.

Formou-se em biblioteconomia pela Universidade da Cidade de Nova York no ano de 1959 e durante a faculdade exerceu algumas funções para sobreviver, a exemplo de *ghostwriter*³. Entre a formação universitária e o mestrado na Universidade de Colúmbia, escreveu inúmeros ensaios tendo seus poemas regularmente publicados em coleções de trabalhos literários. Entre 1962 e 1970, Lorde foi casada com Edwin Rollins, com quem teve um filho e uma filha. Sua participação ativa dentro da comunidade LGBT ganhou maior destaque depois da publicação de seu primeiro livro de poesia, *The First Cities* de 1968.

Os anos que se seguiram foram de intensa produção e militância para Lorde, que tornou-se mundialmente conhecida como umas das principais expoentes do feminismo interseccional⁴ afro-americano. Ao separar-se, Audre Lorde assumiu uma relação com a professora de psicologia Frances Clayton, com quem viveu um relacionamento interracial até o ano de 1989⁵.

³ Escritor fantasma.

⁴ A teoria da interseccionalidade forjada pela advogada ativista negra Prof.^a Dr.^a Kimberlé Williams Crenshaw, nos anos 1980, dava ênfase à política feminista promovida por mulheres negras que ocorria ao menos desde a chamada primeira onda do feminismo: pontuando os atravessamentos identitários da opressões de raça, gênero e classe a partir da experiência das mulheres negras ao reafirmarem a hierarquia de opressão à qual eram submetidas através de uma concepção de sujeito unitária e universal que relegava o problema racial a exclusividade da mulher negra.

⁵ <https://bazardotempo.com.br/autores/audre-lorde/>

Ainda é importante destacar sua proximidade com o movimento de mulheres negras lésbicas alemãs entre os anos de 1984 e 1992. No período em que esteve na Alemanha, Audre Lorde caminhou conjuntamente com as mulheres negras deste país discutindo a importância da tomada de consciência negro-alemã a partir da escrita, da arte e da poesia. Este permaneceu sendo seu lugar permanente de luta contra o racismo até sua morte em 1992⁶.

De certo, seu legado na poesia é entrelaçado com a luta pelos direitos das mulheres negras e lésbicas. Outras temáticas como a questão racial, o feminismo e a sexualidade estão garantidamente presentes em toda a sua produção teórica e ativista. Audre Lorde questionou feministas brancas e burguesas dos anos 1960 por relegar o problema do racismo apenas às mulheres negras, criticando as feministas brancas que atribuíam suas experiências às mulheres de classe média branca, o que nunca foi uma realidade para as mulheres negras.

No movimento de lésbicas ela era negra. No movimento negro ela era mulher. A sensação de deslocamento provocada por sua existência foi a condição necessária para escrever textos como “Não existe hierarquia de opressão” (Lorde, 2020 [1981]). Neste trabalho, conciso e direto, Lorde relata que costumava ser percebida como um ser “desviante, difícil, inferior ou simplesmente 'errada'” (Lorde, 2020 [1981]). Experimentar o machismo, o racismo e o heterossexismo a levou a teorizar o meio pelo qual as formas de opressão partem de uma mesma fonte: a falsa convicção de superioridade de um grupo sobre outros. Deste modo, era imprescindível que a luta contra as opressões não desvinculasse umas das outras — assim como as opressões se associam, as lutas também devem estar associadas. Para Lorde, a liberdade só será possível para uma quando for possível para todas.

O modo como observava as matrizes de opressão era profundamente marcado por sua posicionalidade. Estar em contato com essas violências ao longo de sua trajetória proporcionou a Audre Lorde construir uma análise relevante tanto teoricamente quanto politicamente. De suas contribuições, destacamos a fala “*As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande*” (Lorde, 2019). Nela, a autora relata as tensões ocorridas em uma conferência do Instituto de Humanidades da Universidade da Cidade de Nova York e aponta todas as lacunas que tornam o debate sobre a teoria feminista incompleto. Em sua fala, aponta o racismo das feministas brancas e todas as incoerências presentes na organização do evento, além do modo essencializante com que tratavam a categoria mulher, apagando nossa diversidade.

⁶ Documentário: “Audre Lorde — Os anos em Berlin — 1984 a 1992”, dirigido pela diretora alemã Dagmar Schultz, o filme documenta o legado duradouro de Lorde no país.

Em suas palavras, “mesmo que haja desconforto, mesmo que a reação das mulheres brancas seja defensiva, nossa voz importa e deve ecoar” (Lorde, 2019, p. 52). Lorde nos adverte que o nosso silêncio não nos protege. Politicamente, este é um ensinamento muito importante para nós, mulheres negras. Ao longo de nossas vidas, quando confrontadas com o racismo, somos levadas a acreditar que devemos nos calar, que não adianta gritar, que seremos capturadas por imagens de controle (Collins, 1999). Evitamos ser enquadradas como “a mulher negra raivosa” e, por isso, algumas de nós decidem baixar a voz ou até mesmo se calarem. Esse silêncio nos trai, e serve apenas para manter as estruturas desiguais intactas. Para que aconteça a transformação que nós queremos, é necessário converter esse silêncio na fala, nos atos.

Nos manifestar, entretanto, não é fácil. Em “*Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo*” (Lorde, 2019, p. 155), um dos capítulos de *Irmã Outsider* (2019), Audre Lorde fala a partir de um lugar que conhecemos bem: a raiva como reação ao racismo. Mulheres negras são ensinadas a reprimir a raiva ou direcionar esta raiva a quem não é devido. Lorde nos lembra que a raiva é uma reação legítima ao racismo. Ela deve ser manifestada e percebida por quem está ao redor. No início do capítulo, narra brevemente alguns episódios de racismo ocorridos em ambiente acadêmico. Este racismo se manifesta em interrupções, silenciamento, apagamento, negação, falta de representatividade, performance de uma falsa fragilidade branca e medo branco. Amenizar nossa raiva para poupar mulheres brancas que alegam fragilidade é improdutivo. A nossa raiva precisa ser sentida. Por nós e por quem a desperta.

Quando mulheres brancas têm suas ações racistas expostas, em geral, buscam desqualificar a denúncia ou a denunciadora. Desqualificam a denúncia quando dizem que estamos “dividindo o movimento feminista”. Uma das estratégias para desqualificar as denunciadoras é apontar para a raiva que as mulheres negras sentem como algo ilegítimo. Há um policiamento de tom (Cross, 2015) nos informando que se falarmos alto perderemos a razão, portanto, devemos ser “educadas” e “pacíficas”. Em geral, este policiamento silencia e animaliza mulheres negras. A “neguinha atrevida” a quem Lélia Gonzalez (1983) se refere na epígrafe de abertura do texto “*Racismo e sexismo na cultura brasileira*” é uma mulher negra que não se deixa intimidar pelos títulos, pelas formalidades acadêmicas e questiona onde está o seu lugar na mesa.

A leitura do pensamento de Audre Lorde ainda nos anos iniciais de formação acadêmica é importante e enriquecedora para a trajetória das estudantes de graduação que compõem este dossiê. Estudantes negros e negras se beneficiam da teoria crítica de Lorde para pensar o modo como suas trajetórias contribuem para a construção de um pensamento

crítico. Estudantes brancos e brancas podem se valer desta mesma teoria para refletir sobre a reprodução do racismo em ambiente acadêmico e nos espaços políticos de reivindicação de direitos. O momento é oportuno para a popularização: recentemente, a obra de Audre Lorde vem sendo traduzida⁷ e publicada em português. Este dossiê contribui também para a circulação do pensamento de Audre Lorde e a difusão de suas contribuições políticas e teóricas.

Portanto, inspiradas por estas linhas, gostaríamos de reforçar nosso convite inicial. Qual seja, darmos uma resposta a essa ânsia por um mundo mais compreensivo que respeite e valorize a diferença. Os escritos de Audre Lorde não significam um caminho único possível, mas devem servir de inspiração para aqueles que assim como nós almejam por alguma mudança.

Aos estudantes dos cursos de graduação, mas não somente a eles, desejamos fôlego e iniciativa, assim como tiveram anos atrás um grupo de alunos e alunas do curso de graduação em Ciências Sociais ao criarem a Revista Florestan inspirados pelo mestre Florestan Fernandes⁸.

REFERÊNCIAS

CROSS, Katherine. **Words for Cutting: Why We Need to Stop Abusing “The Tone Argument”**. Feministing, 2015. Disponível em: <http://feministing.com/2015/04/23/words-for-cutting-why-we-need-to-stop-abusing-the-tone-argument/>. Acesso em 17 jan. 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura Brasileira**. In: SILVA, Luiz Antonio. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. ANPOCS. Brasília, 1983.

HILL, Collins Patricia. **Mammies, matriarchs, and other controlling images**. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*, p. 51-75, 1999.

LORDE, Audre. **“As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande”**. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e outras conferências*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 135-154.

_____, Audre. **“Não existe hierarquia de opressão”** In: *Sou sua irmã*. São Paulo: Ubu Editora, 2020, pp.63-65.

⁷ Stephanie Borges é jornalista, poeta e tradutora. Tem se dedicado a traduzir importantes obras de feministas negras para o português e contribuído para a disseminação de ideias de intelectuais como Audre Lorde e bell hooks.

⁸ Este autor possui uma relação afetiva com a Universidade Federal de São Carlos que conta com todo seu acervo pessoal na biblioteca Florestan Fernandes.

_____, Audre. **“Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo”**. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e outras conferências*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 155-167.

_____, Audre. **Zami: Uma nova grafia de meu nome** (Watertown, MA: Persephone Press, 1982.